

A pulsão Freudiana — sua insinuação e o Real

Renata Volich

Mesmo que a palavra não possa capturar o real,
é através da palavra que ele se insinua.
Se sobre ele é difícil falar, é também impossível silenciar

Apresentar um trabalho significa uma exposição aos riscos da palavra. A tradução também demonstra, por sua vez, que a possibilidade de tropeçar na língua é bastante profusa. Que os tropeços aconteçam e sejam bem-vindos, pois, tal como um ato falho, podem revelar todo um mundo novo.

É surpreendente como alguns eventos que têm lugar no mundo podem nos aturdir. Em Roma, na famosa Piazza Bocca Della Verità — a boca da verdade — está situada a legendária face de pedra. Diz o mito que os perjuros têm seus dedos cortados se colocados naquele orifício. Olhando para tal boca muitas questões são suscitadas. A voz de uma criança contesta a natureza desse orifício, e lá vem uma explicação que não é nada além de um buraco negro. Ao ouvir por acaso aquele fragmento de diá-

logo não pude deixar de pensar: é o Real, estamos tropeçando em algo que se encontra no escuro.

Uma sensação da ordem do fantástico, do sinistro, nos atormenta. No entanto, não a ponto de nos petrificar tal como a cabeça de Medusa, cujas serpentes, em uma tentativa de velar o Real, acabam por evocá-lo.

Ao mencionar o olhar e o sinistro, vale a pena trazer em questão a tela de um quadro que, através de um movimento da pulsão, pode ser investida pelo olhar de tal forma que chegamos a nos perder naquele quadro estando completamente imersos aí. Somos ali todo olhar. Nesse momento, somos trans-

Renata Volich - Psicanalista brasileira residindo atualmente na Austrália
Comunicação apresentada no II Congresso Psicanalítico Australiano,
Melbourne, Austrália, setembro de 1989.

TEXTOS

portados, abraçados pelo quadro, e ficamos fascinados a ponto de não ver mais nada. Este quadro assume então a função do outro supremo e cegante.

O quadro de Holbein, *Os Embaixadores*, retrata uma anamorfose central e sinistra, manifestando-se na inclinação para o fantástico.

O sinistro, conforme Freud elabora, é algo que permanece secretamente familiar, algo que foi reprimido e retornou de outra forma.

“No entanto, nem tudo que se refere a desejos reprimidos e modos ultrapassados de pensamento, que pertencem à pré-história de um indivíduo e de um povo, é devido a isso da ordem do sinistro”.⁽¹⁾

O sinistro é algo que retorna, que se repete, mas se apresenta de forma diferente. Uma repetição que implica repressão que tem lugar no

momento em que o *Parlêtre* — um ser determinado pela fala — emerge.

Em “Além do Princípio do Prazer”, um outro tipo de repetição tem lugar como elemento fundamental para explicar a pulsão de morte, uma vez que esta se exprime na compulsão à repetição. O que estaria além seria a tendência do organismo de retornar a um estado inorgânico de sua própria maneira.

A pulsão seria uma expressão da natureza conservadora do ser vivo. Pulsão como uma maneira

particular do corpo de articular-se com a linguagem.

No entanto, segundo Lacan, o que está além do princípio do prazer é o gozo. A morte sobre a qual Freud fala não é a vida inorgânica mineral, inerte, mas a vida do reino animal, a vida de gozo de todos os seres que não têm acesso ao universo simbólico. Seria como se a morte, no registro da pulsão, almejasse um gozo excluído de qualquer possibilidade de discurso.

O Real, no limite do universo simbólico, insinua-se nas palavras. No entanto, o Real

O sinistro é algo que retorna, que se repete, mas se apresenta de forma diferente. Uma repetição que implica repressão que tem lugar no momento em que o *Parlêtre* — um ser determinado pela fala — emerge.

resiste a qualquer possibilidade de distorção que as palavras possam sofrer. No seminário “As Psicoses” a questão é colocada da seguinte maneira:

“O correlato dialético da estrutura fundamental que faz da palavra, de sujeito a sujeito, uma palavra que pode enganar é que há também alguma coisa que não engana.”⁽²⁾

O Real está relacionado com o processo repetitivo do significante. O Real sustenta e determina de forma causal a série repetitiva. Apesar de não ser lin-

guagem, é ao redor do Real que os efeitos da linguagem são produzidos.

Mesmo que o Real preexista à existência do sujeito, é somente a partir da constituição do sujeito que o Real enquanto registro pode ser configurado. Como podemos representar o Real, se é exatamente o fracasso da representação?

Na impossibilidade de ser apreendido pela linguagem, poderíamos dizer que o próprio ato da fala é um exílio do Real. No seminário “Os Quatro Conceitos Fundamentais da

Psicanálise” vemos que; “Nenhuma práxis, mais que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do Real.”⁽³⁾

Em vez de rejeitar o impossível, porque é indemonstrável, a psicanálise o mantém como causa de seu discurso.

“O Real, como um furo, pode ser arran-

jado de duas maneiras; a primeira com significantes e a segunda, com fantasias. As fantasias são construções psíquicas que tecem a realidade. A realidade psíquica, impregnada com fantasias, é a maneira corpórea de tratar e contornar o Real sem sucesso.

Logo, temos o Real do qual estamos excluídos, os meios para alcançá-lo, e o fracasso.

A fantasia é um estágio no qual o sujeito está fixado em certos objetos da pulsão... Assustado pelo enigmático desejo do Outro

o sujeito se restabelece em uma imagem que lhe servirá de apoio mas, no entanto, obstruirá o caminho para aceder ao desejo do Outro.

Há fantasia quando a imagem enquanto signo — um signo é um significante maltratado pelo sujeito — quando esta imagem representa algo e enquanto significante morde o corpo determinando-se a agir apesar de si.”⁽⁴⁾

O Real, através de significantes, morde o corpo. Um corpo que, distinto do biológico (que seria uma totalidade estruturada, formada de partes capazes de funcionar de forma integrada), é um corpo pontuado pelo desejo do Outro os sintomas tendo sua própria satisfação. O desejo fez com que certas partes do corpo se torna sem tanto significantes quanto parte do Real, uma vez que são também o lugar do gozo.

Se o registro do Real introduz a noção do impossível, é devido à impossibilidade de inscrição de um significante, o significante sexual. É impossível para o sexo ser significado por um significante, tal como o sujeito pode sê-lo.

O saber inconsciente não pode representar o sexo. Conseqüentemente, não pode haver articulação entre um significante que não existe e outros significantes. Deveríamos então dizer que o que sofre é o saber, devido a essa falta de significante, mais do que o corpo?

O objeto como uma falta fun-

damental é chamado “Das Ding”. No seminário “A Ética da Psicanálise”, Lacan faz distinção entre “Das Ding” e “Die Sache”. Die Sache é o que se constitui como objeto de desejo e se refere à cadeia significante. Sua presença é ilusória, uma vez que não possibilita a satisfação plena. O que se tenta encontrar não pode sê-lo. É devido à sua própria natureza que o objeto é perdido como tal. O que constitui o objeto como algo perdido é a sua procura.

“Das Ding é o que chamaremos fora da significância, prévio

Ao falar sobre o Real não se pode deixar de ser levada por uma retórica extensa. Real que faz tanta tinta correr. Real que é sempre suposto, situado fora da lei da castração que organiza a cadeia significante inconsciente.

a qualquer repressão, e se apresenta e se isola como um termo estranho ao redor do qual oscila todo o movimento da representação relacionada ao princípio do prazer.”⁽⁵⁾

A função do princípio do prazer é propulsionar o ser humano a buscar algo que deverá ser encontrado, mas que ele nunca será capaz de atingir. Neste ponto está o essencial, a relação do que se chama a lei da interdição, a lei do incesto.

Presença irreduzível, o Real garante a consistência da ordem

repetitiva. Nessa repetição ele inaugura o mundo como realidade. Essa repetição é o que caracteriza a pulsão.

A repetição é o que permite ao Real, ao impossível, existir sob a forma de uma implicação produtiva. O Real, ao contrário do inconsciente, é mudo, nenhum significante tem lugar ali. O inconsciente é o tesouro do significante.

Se falamos sobre o Real, apesar de ser o lugar do silêncio, temos que ter em mente a falta de uma inscrição. Como poderíamos articular tal falta com a falta de objetivo, que por sua vez fundaria o desejo inconsciente?

O interesse de Lacan por uma epistemologia psicanalítica levou-o a desenvolver a noção de relação de objeto no que ele denominou a interpretação do Fort! Da! em “Além do Princípio do Prazer”. Lacan considera a oposição fonêmica não como relacionada especificamente às palavras germânicas, mas sim como a oposição binária de presença e ausência no mundo da criança. A criança repete ao nível da representação uma relação que descobriu em um nível mais primordial. A criança recém-nascida é vista como um ser absoluto em uma relação totalmente intransitiva como o mundo que ela ainda não consegue distinguir de si mesma. Para que o objeto possa ser descoberto, ele precisa estar ausente. Em um nível, o objeto parcial comporta a falta que cria

TEXTOS

o desejo por uma unidade do qual o movimento em direção a identificação surge. A própria identificação depende da descoberta da diferença, que já representa uma forma de ausência. Em outro nível, a falta de um objeto é uma lacuna na cadeia significativa que o sujeito procura preencher ao nível do significativo.

O discurso é um movimento, uma tentativa de preencher lacunas sem as quais o discurso não poderia ser articulado. O discurso é tão dependente da noção de falta quanto o desejo.

O inconsciente mostra que o desejo está vinculado à interdição. Conforme ilustrado em "Totem e Tabu", a agressividade dirigida contra o Pai está no princípio da Lei, e a Lei institui o desejo através da interdição do incesto. Em "Totem e Tabu" somente o pai primitivo, que não é castrado, pode possuir todas as mulheres do mesmo clã. Os filhos logo se encontram divididos entre a ambição de gozar tal como o pai e o temor de serem castrados. Decidem então matar o pai, acreditando ser essa a maneira de resolver a ambivalência. Através de tal ato eles se proíbem de forma ainda mais severa o gozo que cobiçam instituindo as regras do tabu. O gozo do pai primitivo seria aquele gozo absoluto, fora da lei, fora da linguagem, o gozo do Outro. O gozo do Outro é designado como um gozo parassexuado. Não temos idéia de tal gozo, pois ele escapa ao domínio da linguagem, ao domínio do significativo. Só podemos supô-lo seja porque o imaginamos contemplando o espetáculo oferecido por alguns animais seja porque o deduzimos logicamente de alguns discursos tais como dos psicóticos e dos místicos. Eis aqui o registro do Real.

A própria alucinação é uma forma de gozo absoluto — o que não pode ser simbolizado e reaparece no Real. O tratamento medicamentoso, em vez de possibilitar a rearticulação de elementos que estão aí em questão, seja na alucinação seja no delírio, tampona tal gozo, de forma temporária, sem lidar com as causas. Uma vez removida a medicação, tal gozo retorna com toda a força de algo que foi tamponado e que agora possui a possibilidade de se expressar novamente e mais intensamente ainda. Como Freud bem lembra,

O discurso é um movimento, uma tentativa de preencher lacunas sem as quais o discurso não poderia ser articulado. O discurso é tão dependente da noção de falta quanto o desejo.

o delírio é uma tentativa de cura, de reconstrução, e é devido a isso que há conseqüências muito importantes no tratamento da psicose. Não se trata de suprimir o delírio, a metáfora delirante, mas de ajudar o paciente a elaborá-la. Sabemos que, em uma instituição psiquiátrica, a grande demanda e o pouco tempo para lidar com os pacientes impedem que possamos conduzir um tratamento analítico satisfatório com pacientes crônicos. Adicione-se a isso a profunda angústia que tais

pacientes podem suscitar no clínico responsável, criando muitas vezes uma evitação fóbica em relação a tais pacientes.

O psicótico, em relação ao desejo, do que se queixa? Ele se queixa exatamente da falta de desejo. O desejo se funda sobre o interdito do incesto, e o psicótico não recebeu tal proibição através do simbólico.

O ceder à castração produz uma falta a partir da qual o desejo é instituído. A castração significa que o gozo absoluto ou o gozo do Outro deve ser rejeitado de forma a possibilitar que um outro gozo, o gozo sexual, seja alcançado na lei do desejo. O gozo sexual provém da linguagem e recebe da linguagem sua determinação fálica. O gozo do significativo interpõe-se entre o sujeito e o corpo como lugar de gozo do Outro, barrando o acesso a este. Tal é a lei da castração à qual o sujeito está submetido. A linguagem evoca o horizonte do gozo do corpo, do gozo do Outro, e ao mesmo tempo o torna inacessível. O falo, enquanto significante, é considerado no seminário "Mais, ainda" no seu duplo valor: como causa final do gozo infinito ou gozo do Outro e como causa original do gozo sexual ou fálico.

No seminário "A Relação de Objeto", a questão principal é que o essencial da relação de objeto, que consiste na noção da falta de objeto, foi ignorada. Entre a mãe e a criança existe um terceiro termo imaginário que tem uma função fundamental: o falo. Esta relação de três termos, mãe, criança e falo, é modificada através da função do pai, que "insere a falta de objeto em uma nova dialética" e contribui para a "normalização" do complexo de Édipo.

O desejo reproduz a relação

do sujeito com objetos perdidos. O objeto a é a causa do desejo.

“O objeto a, enquanto Real, corresponde ao objeto pulsional. É preciso entender que este objeto da pulsão, o objeto a, é uma espécie de quociente constante, uma maneira de designar pela letra “a” uma incógnita, a constante da perda em sucessivas perdas. Temos também que conceber que diferentes objetos virão ocupar esta espécie de lugar depurado. No entanto, mesmo que essa idéia pareça ser justa, ela nos conduz de maneira inapropriada a imaginar o Real como o simples furo num pote. O que seria mais apropriado seria pensar o objeto pulsional como um buraco sem fundo, cujas paredes preservariam as marcas das perdas ou elementos pulsionais que balizaram o percurso do desejo do sujeito. Como se as paredes do pote fossem folhadas. O sujeito do inconsciente, assim como o furo pulsional do objeto a, podem ser designados como o Real folhado. Ambos podem ser representados como um livro aberto, com uma infinita superposição de folhetos ligados um ao outro segundo um tipo de ramificação”⁽⁶⁾.

Nasio discute quem é este sujeito:

“Se considerarmos novamente nossa terminologia, quando falamos sobre a castração, e, em vez de cadeia significativa, dissermos Lei do pai; se no lugar de simplesmente gozo especificássemos gozo da mãe, e se, finalmente, nos perguntarmos quem é esta criança magnífica sobre a qual a psicanálise tanto fala, deveremos então responder que essa criança, esse sujeito, é aquele que fala e pensa com as palavras do pai atraídas pelo gozo materno. A criança magnífica da psicanálise, nós, seres

falantes, somos simplesmente seres de vento que desvanecemos entre o gozo que aspira as palavras e o Nome-do-Pai que as organiza.”⁽⁷⁾

O desejo vem do Outro e o gozo está do lado de “Das Ding”. As identificações são determinadas pelo desejo, sem jamais satisfazer à pulsão. A pulsão divide o sujeito e o desejo, desejo que é sustentado pela divisão em relação a um objeto que o causa.

A cadeia significativa é a cadeia do desejo comandada pelo princípio do prazer. A insistência do desejo. A articulação entre significantes constitui-se como presença do desejo cujo objeto absoluto sempre falta. O objeto presente, ilusão do objeto absoluto, é o que constitui presença do objeto cujo objeto sempre falta. O objeto presente é o que constitui o Imaginário marcado pela decepção, castração, negatividade.

Conforme foi assinalado no seminário “A Relação do Objeto”:

“A Castração pode obter apoio da privação, ou seja, da apreensão no Real da ausência do pênis na mulher, mas mesmo isso pressupõe a simbolização de um objeto, uma vez que o Real é pleno e nada falta ali. Na medida que a castração se encontra na gênese da neurose, nunca é Real, mas Simbólica e visa um objeto Imaginário”⁽⁸⁾.

Ao falar sobre o Real, não se pode deixar de ser levada por uma retórica extensa. Real que faz tanta tinta correr. Real que é sempre suposto, situado fora da lei da castração que organiza a cadeia significativa inconsciente. Seria esse também o registro da pulsão?

Mesmo que a palavra não possa capturar o Real, é através da palavra que ele se insinua.

Real sobre o qual é difícil falar, mas impossível silenciar.

“O universo é uma flor da retórica. O eu pode também ser uma flor da retórica que floresce do vaso do princípio do prazer que defini como sendo aquilo que é satisfeito com o blá-blá-blá. O universo da relação sexual”⁽⁹⁾.

E eis que ao término do processo analítico compreendemos que, finalmente, após um longo percurso, chegamos a um saber sobre a impossibilidade do saber absoluto e entendemos que, contrariamente a nossa convicção prévia, não há Outro do Outro que faça o último julgamento.

Como analista, podemos somente alcançar a singularidade do nosso lugar através de uma recusa. O silêncio é o semblante de tal recusa e lembra que há um gozo que escapa. Ao falar, o analista contribui para a abertura do inconsciente a vir e com o silêncio afirma que o inconsciente tem um limite, que ele não diz tudo. Em outras palavras, existe algo que escapa à repressão, à inscrição do significativo, à sexualização. Eis aqui o registro do Real.

BIBLIOGRAFIA

(1) Freud, Sigmund: *The Uncanny*, Standard Edition, Vol. XVII pg. 245

(2) Lacan, Jacques: Seminário II — *As Psicoses* — 14 dez, 1955 Jorge Zahar Editor

(3) Lacan, Jacques: Seminário XI: *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* — 12 fev, 1964 — Jorge Zahar Editor

(4) Nasio, Juan David: *A Criança Magnífica da Psicanálise* Jorge Zahar Editor

(5) Lacan, Jacques: Seminário VII *A Ética da Psicanálise* — 16 dez. 1959 Jorge Zahar Editor

(6) Nasio, Juan David: *Ibid*

(7) Nasio, Juan David: *Ibid*

(8) Lacan, Jacques: Seminário IV “*La Relation d'objet*” — 12 dez. 1956.

(9) Lacan, Jacques: Seminário III *As Psicoses* — 18 jan, 1956 Jorge Zahar Editor